



UNIDADE DIDÁTICA

**ENSINO DA NARRATIVA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: CAMINHOS
PARA RESILIÊNCIA, CUIDADO DE SI E DO OUTRO, SUPERAÇÃO DE CONFLITOS
E ACESSO À VIDA SOCIAL**

Valdirene Aparecida Cotta

Orientadora: Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira

VALDIRENE APARECIDA COTTA

**ENSINO DA NARRATIVA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: CAMINHOS
PARA RESILIÊNCIA, CUIDADO DE SI E DO OUTRO, SUPERAÇÃO DE CONFLITOS
E ACESSO À VIDA SOCIAL**

Material elaborado como parte integrante da Dissertação *Ensino da narrativa no 5º ano do ensino fundamental: caminhos para resiliência, cuidado de si e do outro, superação de conflitos e acesso à vida social*. defendida no ano de 2021, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), constituindo proposta de produção de material didático para o Ensino Fundamental, em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) – rede nacional.

Linha de ação: Estudos literários

Orientadora: Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira

CASCADEL

2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
UNIDADE DIDÁTICA	5
Parte 1: Conhecendo o texto narrativo	5
Parte 2: O percurso gerativo de sentido.....	9
Parte 3: Atividades propostas.....	15
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

APRESENTAÇÃO

Caro(a) professor(a),

Propomos nesta Unidade didática atividades para serem aplicadas no 5º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Cascavel-PR, sendo este um trabalho desenvolvido no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Para esta proposta, elaboramos atividades de leitura, interpretação e produção textual numa perspectiva de proporcionar que os alunos melhorem a compreensão dos sentidos dos textos narrativos. Para isso, preconizamos uma intervenção pedagógica de interpretação de textos por meio do método da Semiótica Francesa de Greimas. Trata-se de analisar textos em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. O conjunto desses níveis é denominado Percurso Gerativo de Sentido. A partir dessa metodologia, a Semiótica Greimasiana possibilita analisar enredos narrativos, o que ajuda na compreensão dos efeitos de sentidos produzidos pelo texto.

Pretendemos com este material contribuir para o ensino de narrativas no Ensino Fundamental numa perspectiva de provocar reflexões sobre o processo de ler e de criar narrativas, a partir de experiências e dos múltiplos processos de acesso à leitura e à escrita. Para tanto, de acordo com Fiorin (2011), é preciso despertar a sensibilidade do leitor para descobrir o sentido do texto, e isso se faz mostrando o que deve ser observado em uma narrativa, ensinando-lhes mecanismos sintáticos e semânticos que dão sentido a um texto.

Em sua estrutura, esta unidade didática possui uma parte teórica, em que se fundamentam o trabalho de análise dos textos e uma parte prática que foi disposta em cinco atividades. Destacamos que esta ferramenta didática poderá ser adaptada ao contexto de ensino-aprendizagem de diferentes realidades.

Boa leitura e bom trabalho!

UNIDADE DIDÁTICA

Parte 1: Conhecendo o texto narrativo

O discurso narrativo é a tipologia discursiva e textual que simula/retrata/representa a ação do homem no mundo, ou seja, toda narrativa é um retrato de uma das ações que os seres humanos executam durante sua vida nas condições que eles encontram dentro da vida social. A tipologia narrativa contém vários gêneros textuais: conto, novela, romance, lenda urbana, fábula, apólogo, parábolas e causos são gêneros textuais diferentes que têm em comum uma estrutura narrativa. Então pertencem à tipologia discursiva conhecida por NARRATIVA. Sem uma ação/ou uma (re)ação, não há narração. Essas ações podem ter acontecido de fato, ou podem ter sido apenas pensadas, imaginadas, sonhadas por uma pessoa, um animal ou planta antropomorfizadas numa figura de linguagem conhecida como prosopopeia. O importante é que você se lembre de que, toda vez que falamos sobre a tipologia narrativa, estamos nos referindo a um ser que, por alguma razão, precisou, precisa ou precisará agir. Sem ação, não há narração. Pense: por que você e as outras pessoas agem ou reagem no mundo? Por querer alguma coisa? Por uma necessidade? Por precisar de algo? Por uma demanda? Por obrigação? Certamente, todos nós agimos. Por todos esses motivos, devem existir personagens que desenvolvam ações com tempo e espaço determinados.

As narrativas canônicas são aquelas em que alguém é movido por um querer, dever, precisão, necessidade, demanda ou imposição/obrigação. Ou seja, uma força imperiosa que impele esse alguém a agir, a ser levado a DESEMPENHAR/EXECUTAR UMA AÇÃO, com gosto ou com desgosto, mas é obrigado a agir/reagir. As narrativas canônicas terão um ser movido à ação, mas – e aqui entra o problema da narrativa canônica –, se o caminho para a ação estivesse livre, não haveria dificuldades no mundo. O ágon da narrativa canônica é que o ser da ação, ao tentar executá-la, encontra uma força contrária, que tenta impedi-lo. É por isso que nas narrativas canônicas há duas forças em oposição: o protagonista e o antagonista. O protagonista é aquele ser que carrega o seu ágon – a necessidade, o porquê da ação (querer, dever, necessidade, obrigação, precisão, demanda). O antagonista é a força que tenta impedi-lo de ser bem-sucedido na realização da ação devida. Viu que em toda ação da narrativa canônica há um pouco de drama? A seguir, destacaremos os principais elementos necessários para a constituição de uma narrativa canônica.

O NARRADOR

A narrativa, como o próprio nome sugere, precisa de um narrador, alguém que conte a história. O narrador pode ser:

Narrador observador: quando conta a história em terceira pessoa, sem participar dela. Ele apresenta os fatos de forma imparcial, não tem conhecimento dos pensamentos e sentimentos íntimos das personagens.

Narrador onisciente: também conta história em terceira pessoa, mas às vezes em primeira, quando revela a voz interior das personagens e seu fluxo de consciência por meio do discurso indireto livre. Este narrador conhece o íntimo das personagens, o que eles pensam e sentem.

Narrador personagem: conta a história em primeira pessoa, do seu ponto de vista, por isso temos uma visão parcial dos fatos. Este tipo de narrador está próximo do mundo narrado, vivenciando ou testemunhado os acontecimentos.

AS PERSONAGENS

São os seres que agem na narrativa. Podem ser pessoas, animais ou coisas. Uma narrativa pode conter diferentes tipos de personagens, que são classificados da seguinte forma:

Protagonista: é a personagem principal, na qual a história está centrada.

Coprotagonista: é a segunda personagem mais importante da história. É uma espécie de ajudante do protagonista, alguém bem próximo a ele.

Antagonista: é o que se opõe ao protagonista. Pode ser uma pessoa, um grupo de pessoas, um animal, um ser fantástico, um objeto, uma limitação psicológica, física, socioeconômica, entre outras.

Oponente: é o ajudante, apoiador do antagonista.

Coadjuvante: auxilia no desenvolvimento da história, mas pode não ter ligação direta com a personagem principal.

Figurante: tem um papel meramente ilustrativo, é um componente do espaço.

O ENREDO

Outra característica importante da narrativa é o enredo, que se refere à sequência de acontecimentos, por meio de ações da personagem, que ocorrem em determinado tempo, com um espaço ambientado. Os acontecimentos podem ocorrer de forma linear, em que as ações seguem uma sequência cronológica; ou não-linear, quando não segue uma sequência cronológica. Podem ocorrer antecipações e a história pode iniciar pelo desfecho, por exemplo. Também pode haver cortes no tempo e no espaço.

O enredo possui uma estrutura composta por:

Apresentação ou introdução: são apresentadas as personagens, o tempo e o espaço, ou seja, mostra com quem, quando e onde os fatos aconteceram.

Conflito: quando ocorre uma oposição entre os elementos da história. Esta oposição pode envolver protagonista x antagonista, protagonista x sociedade, protagonista x valores, entre outros.

Desenvolvimento: nesta parte da história o conflito, ou diferentes conflitos, irão se desenvolver, tendo como foco as ações das personagens.

Clímax: momento mais tenso da história.

Desfecho: é quando se apresentam as conclusões dos conflitos e a história volta à estabilidade.

O TEMPO

Indica quando ocorrem os fatos e a duração das ações desenvolvidas no enredo.

Tempo cronológico: é quando há uma sequência linear marcada pelo relógio, estações do ano, calendário etc.

Tempo psicológico: neste, a passagem do tempo sofre influência das emoções e sentimentos. Ele não se manifesta de forma linear, é marcado por lembranças e memórias da personagem. Esse tipo de tempo é visto como uma imaginação, um sonho, um delírio.

O ESPAÇO

É o lugar, o cenário da história, o local onde se desenvolvem as ações das personagens. O espaço está dividido em duas partes.

Espaço real: local onde as personagens vivenciam a história.

Espaço psicológico: lugar em que figuram as memórias e lembranças da personagem.

O DISCURSO

É a forma como a voz do narrador e das personagens são introduzidas na narrativa. Existem três tipos de discursos:

Discurso direto: é quando a personagem apresenta sua própria fala. Nesse tipo de discurso, o narrador utiliza verbos para indicar que a personagem vai falar, seguido de dois pontos e travessão. A fala também pode aparecer entre aspas.

Discurso indireto: o narrador relata a fala das personagens; ele diz o que a personagem disse. Para isso devem ocorrer ajustes nos verbos e pronomes. Por exemplo, se a fala da personagem

estiver em primeira pessoa, na fala do narrador, ele passa para a terceira pessoa; se, na fala da personagem, o verbo estiver presente, na fala do narrador vai para o pretérito imperfeito. No discurso indireto, a fala da personagem passa a ser uma oração subordinada à fala do narrador; essa fala é inserida pela conjunção “que”.

Discurso indireto livre: caracteriza-se pela ausência de marcadores, por isso, as falas do narrador e da personagem podem ser confundidas. A fala surge no meio de narração como um corte na sequência lógica.

Parte 2: O percurso gerativo de sentido

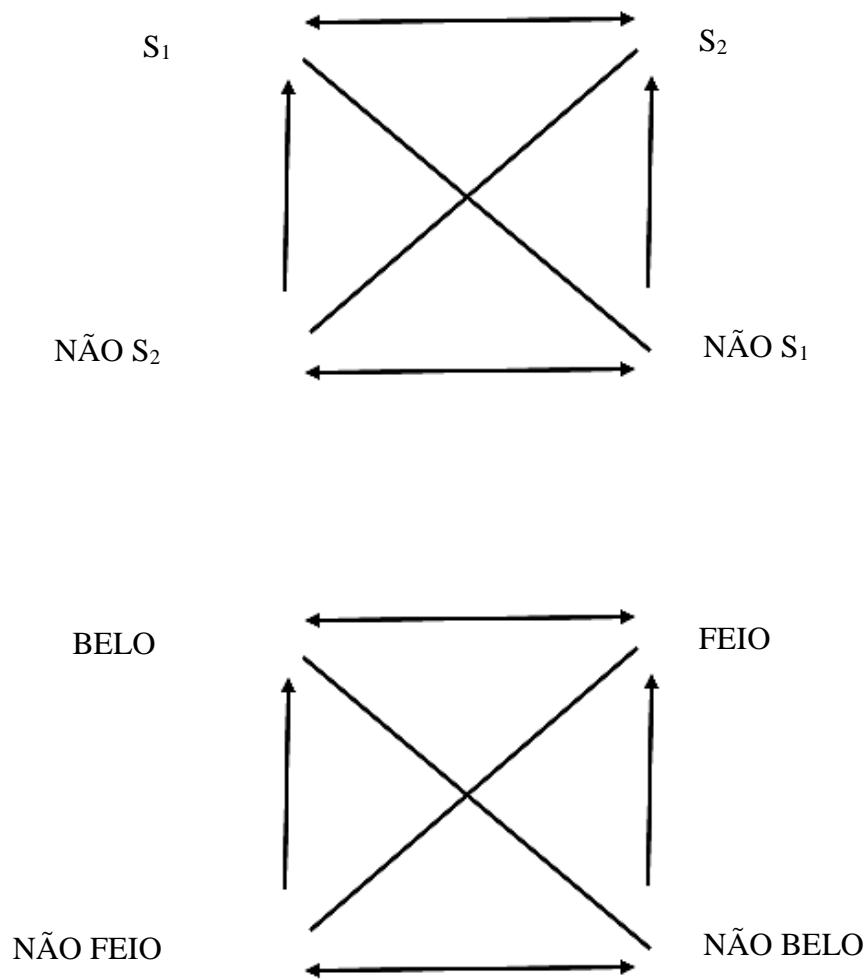
A semiótica francesa é uma teoria do significado, idealizado por Algirdas Julien Greimas (1917-1992), que visa a compressão dos sentidos do texto e a compressão da como se produz sentido em um texto. Nessa perspectiva, o autor desenvolveu uma proposta para analisar a estrutura da narrativa, que é aplicável em todos os tipos de narrativa. Com essa proposta, “o estudo das narrativas deixou de restringir-se ao exame da ação, para ocupar-se também da manipulação, da sanção e da determinação da competência do sujeito e de sua existência passional” (BARROS, 2005, p. 40).




De acordo com Barros (2005), a semiótica é uma teoria que procura explicar o sentido do texto, examinando o “plano de conteúdo”, que é concebido sob a forma de um percurso gerativo de sentido, este se divide em três níveis: Fundamental, narrativo e discursivo.

No Nível Fundamental estão as categorias semânticas. Conforme Fiorin (2011, p. 21), “uma categoria semântica fundamenta-se numa diferença, numa oposição”, porém, para que haja oposição, as palavras devem pertencer ao mesmo campo semântico. Fiorin (2011, p. 22) explica que “é sobre esse traço em comum que se estabelece uma diferença”; a exemplo disso, podemos considerar os termos: belo x feio.

Nesse nível, a categoria semântica também apresenta duas categorias fundamentais: a primeira delas é a euforia, relacionada a um valor positivo; a segunda é a disforia, valor negativo. É importante ressaltar que essas qualificações estão inseridas no texto; é o discurso que vai definir o valor eufórico ou disfórico.

Os valores eufóricos e disfóricos decorrem da oposição semântica apresentada no discurso do texto: a *contrariedade* (belo – feio), a *contraditoriedade* (belo – não belo), a complementariedade (belo – não feio). Vejamos essa representação nos quadros semióticos da abordagem greimasiana.

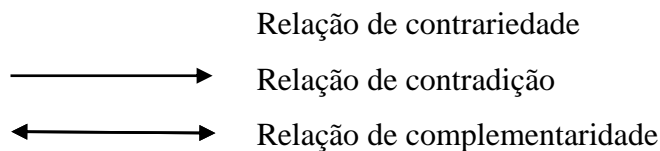
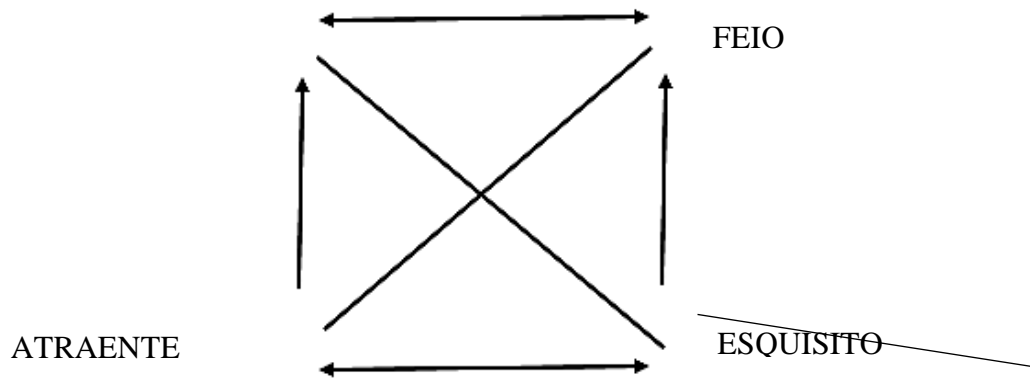


-  Relação de contrariedade
 Relação de contradição
 Relação de complementaridade

A euforia (valor positivo) ou a disforia (valor negativo) são definidas pela forma como a oposição se apresenta no texto. No caso da história do patinho feio, a feiura é disfórica enquanto a beleza é eufórica.

Para analisar as relações semânticas no quadro semiótico, é importante considerar a relação hierárquica das palavras apontadas. Para isso, precisamos compreender o termo hiperônimo, que hierarquicamente tem um sentido amplo, e o termo hipônimo, cujo sentido é inferior. Utilizaremos como exemplo as palavras representadas no quadro: belo e feio, que são hiperônimos; e utilizaremos como hipônimos as palavras atraente e esquisito. Percebam que essas palavras estão no mesmo campo semântico.

Representamos a implicação de $S_1/Não S_1$ e $S_2/Não S_2$ da seguinte forma:



No nível narrativo, semanticamente são analisados os valores inscritos no objeto. Analisam-se as relações actanciais, ou seja, as relações de *ser* e de *fazer* do sujeito, desse modo, examina-se o *estado* em que o sujeito se encontra diante do objeto, se está numa relação de *junção*, quando o sujeito tem a posse do objeto, ou de *disjunção*, em que o sujeito se encontra em estado de privação do objeto, “os conceitos de conjunção de disjunção são necessários para interpretar a relação estrutural” (GREIMAS, 1975, p. 128).

É importante esclarecer que tanto o sujeito quanto o objeto podem ser pessoa, animal, vegetal ou coisa. A relação de disjunção ou conjunção com o sujeito, com o objeto de valor o mobiliza a um *fazer transformador*, algo que modifique seu jeito de *ser* e o possibilite entrar em conjunção ou disjunção com o objeto de valor. Segundo Greimas (2014),

[...] a *transformação* (asserção ou negação) explica o que se passa na passagem de um estado para outro. Constitutiva de enunciados de fazer, a transformação terá por objeto sintático não mais o valor qualquer, mas um enunciado de estado. Toda transformação produz, portanto, uma junção, e todo o enunciado de fazer rege um enunciado de estado (GREIMAS, 2014, p. 82).

São os enunciados de *fazer* e de *estado* (*ser*) que definem o *programa narrativo*, também denominado por sintagma elementar narrativa, define-se de acordo com Barros (2005, p. 24), “*como um enunciado do fazer que rege um enunciado de estado*, integra, portanto, estados e transformações”. Para Barros (2005), em sua obra *Teoria semiótica do*

texto, função é o sujeito de fazer agindo sobre o sujeito de estado, provocando uma mudança na relação entre sujeito de estado e o objeto de valor, que pode ser de conjunção ou de disjunção, como podemos ver na representação de Barros (2005).

$$PN = F[S1 \rightarrow (S2 \cap Ov)]$$

F = função

\rightarrow = transformação

S1 = sujeito do fazer

S2 = sujeito do estado

\cap = conjunção

Ov = objeto-valor

A transformação em uma narrativa canônica se desenvolve por meio de fases obrigatórias: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. A primeira delas, a manipulação, pode ocorrer das seguintes formas: por tentação, intimidação, provocação e sedução. O destinador de alguma forma tentará persuadir o destinatário, na tentativa de entrar em estado de conjunção ou disjunção com o objeto. Na segunda fase, o sujeito sofre uma ação, que ocasionará uma mudança de estado no sujeito, dando-lhe uma competência, um saber e um poder fazer; dessa forma, estará capacitado a agir perante o objeto. A terceira é a performance, que, de acordo com Barros (2005, p. 29), “é a representação sintático-semântica desse *ato*, ou seja, da ação do sujeito com vistas à apropriação dos valores desejados”. A última fase é a da sanção, aqui se constata que a performance se realizou, ocorre o reconhecimento do sujeito responsável pela transformação sendo premiado e, também, o castigo dos que se opuseram a essa transformação.

No terceiro nível, o discursivo, as estruturas narrativas se transformam em enunciados por um componente discursivo denominado *sujeito da enunciação* (eu, aqui, agora). É ele que faz as escolhas textuais que dão sentido ao texto, ou seja, que determina a semântica discursiva, perceptível no nível superficial do texto. Nesse nível, existem dois procedimentos semânticos, a tematização e a figurativização. Barros (2005, p. 66) explica que “os valores assumidos pela narrativa são, no nível do discurso, disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos”, desse modo, a tematização está relacionada ao percurso do sujeito em uma narrativa, à sequência de acontecimentos vivenciados por ele, que cumpre um papel temático de converter o discurso em tema. A esse respeito, Barros

(2005, p. 66) esclarece que “tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percurso”. Nas palavras de Fiorin (2011),

Tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. Temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso etc. (FIORIN, 2011, p. 91).

A figurativização é a concretização dos temas; ela pode ser dividida em figuração e iconização. Na figuração, são acrescentadas figuras ao tema, ocorre a passagem de tema para figura. O sujeito abstrato passa a ser um personagem, a ter um nome, adquire características próprias, cria-se um cenário atraente para ele, ou seja, são investidas informações a esse sujeito. De acordo com Fiorin (2011),

A figura é o termo que remete a algo existente no mundo natural: árvore, vaga-lume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc. Assim, a figura é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural. [...] Quando se diz que a figura remete ao mundo natural, pensa-se não só no mundo natural efetivamente existente, mas também no mundo natural construído (FIORIN, 2011, p. 91).

A iconização se refere aos elementos visuais, sensoriais, conceituais, que darão efeitos de realidade, afastamento, aproximação, efeitos literários, entre outros, que se deseja alcançar em uma narrativa. Para melhor explicar a relação entre tema e figura, nos apoiaremos nas ideias de Bakhtin (2003) com relação ao tempo: ele “[...] se revela acima de tudo na natureza: o movimento do sol, das estrelas, o canto dos galos, os objetos sensoriais visíveis das estações do ano [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 225). Desse modo, entendemos facilmente que o tema só tem sentido se estiver figurado de forma concreta e representado pela linguagem. Ainda de acordo com o autor,

O trabalho do olho que vê se combina aqui com os mais complexos processos de pensamento. Entretanto, por mais que esses processos cognitivos sejam profundos e saturados das mais amplas generalizações, eles não se dissociam até o fim do trabalho do olho, dos indícios sensoriais concretos da palavra figurada viva (BAKHTIN, 2003, p. 226).

Em síntese, pode-se dizer que tematização e figurativização se complementam: o primeiro se refere à interpretação dos fatos e das coisas existente no mundo e que podemos identificar, experienciar, perceber por meio dos sentidos; e o segundo se atribui à função de

criar um efeito de realidade por meio da representação concreta daquilo que é interpretado. Figura e tema precisam estar articulados, “os encadeamentos temáticos também devem manter uma coerência interna. Quebrá-la significa construir um texto incoerente ou alterar o tema geral” (FIORIN; SAVIOLI, 2003, p. 101).

Parte 3: Atividades propostas

ATIVIDADE 1

Esta atividade tem como objetivo promover o primeiro contato dos alunos com narrativas canônicas e a análise dessas narrativas pelo percurso gerativo de sentido. Visa proporcionar o exercício da fantasia, da imaginação e de crescimento afetivo-intelectual. Também tem o intuito de incentivar as crianças a olharem mais atentamente para o texto, podendo assim perceber e apreender o seu processo de construção.

O contato dos alunos com as narrativas canônicas nesta primeira etapa ocorrerá por meio de leituras de narrativas – que pode ser feita por um aluno, ou pela professora – e pela análise dessas histórias de forma oral para que os alunos se socializem com a nova forma de olhar para as narrativas. Para explorar esses textos foram elaboradas questões que nortearão as análises por meio da oralidade. A professora que irá mediar as perguntas que serão direcionadas aos alunos para instigando-os a olhar aspectos que precisam ser observados em um texto narrativo. Os textos selecionados para esse estudo foram os seguintes

Texto 1 Uma escola assim, eu quero pra mim (Elias José).

Texto 2: O Rouxinol (Adaptação: Eunice Braido).

Texto 3: A Princesa Sabichona (Babette Cole).

Texto 4: Pardalzinho (Manuel Bandeira), A menina dos fósforos (Adaptação: Pedro Bandeira).

Texto 5: Sobrevivendo entre espinhos (Valdirene Cotta)

Questões norteadoras para exploração dos textos de forma oral.

1. Narrador é aquele que conta a história. Como é o narrador da história que lemos? Ele apenas conta a história sem participar dela? Ele conta a história, sem participar, mas parece conhecer o íntimo das personagens, seus sentimentos e pensamentos? Ou ele é um dos personagens e está contando a história do seu ponto de vista?
2. quem são os personagens da história? Como eles estão caracterizados fisicamente? Como estão vestidos? Como é a personalidade deles: são bondosos, engraçados, malvados, trapaceiros, mentirosos etc.?
3. Qual é o protagonista da história?

4. Em que tempo se passa a história? Ela ocorre em um curto (horas, dias, semanas) ou longos (meses, anos, décadas) espaço de tempo? Quais são os termos que possibilitam identificar o tempo na narrativa?
5. Como é o lugar onde a história se passa? (Provavelmente os alunos irão descrever o espaço geográfico, é importante questionar sobre o espaço social, ou seja, o meio social onde os personagens atuam (um reino, um bairro da periferia, uma casa, uma escola, entre outros). Quais efeitos de sentido do tipo do espaço descrito na história. É um lugar bonito, agradável, sombrio? Um lugar de riqueza, de pobreza, de violência?
6. Toda narrativa é construída com base numa oposição. Qual oposição principal podemos considerar na história lida. (Para responder essa questão os alunos deverão ser induzidos, ou seja, o professor deverá citar algumas oposições possíveis, ouvir a opinião dos alunos, depois mostrar a afirmação e/ou a negação dessas palavras expressas no texto. Exemplo: igualdade x diferença na história do patinho feio. Negação da diferença quando todos que visitam a pata elogiam a ninhada exceto o patinho feio. Afirmação da igualdade é quando o patinho descobre ser um cisne e é acolhido e admirado pelo grupo de cisnes. No caso dessa história o A igualdade tem valor positivo e a diferença tem valor negativo).
7. Agora vamos pensar na personagem principal da narrativa como um sujeito do desejo, aquele que tem um objetivo, uma necessidade, uma demanda, a isso chamamos de objeto de valor. Na história lida qual é o objeto de valor?
8. Qual é a relação do sujeito com esse objeto? De conjunção (ele tem a posse do objeto) ou de disjunção (não tem a posse do objeto)?
9. Existe alguém ou algo que impede que o sujeito tenha a posse do objeto?
10. Um sujeito na narrativa pode ser pessoa ou coisa, qualquer um sujeito agindo sobre outro para mobilizá-lo a um querer ou a um fazer, ou seja, manipulá-lo, e isso pode ocorrer por tentação. Intimidação, sedução, provocação, entre outros. Na história de que forma o sujeito é manipulado?
11. Esse sujeito (personagem principal) tem algo que o habilita a conquistar o objeto de valor (um amigo que o ajude, um poder, um objeto mágico, uma inteligência específica, etc.), uma competência?
12. O sujeito consegue a posse do objeto de valor? Se sim, descreva esses momentos. Se não, explique o porquê?
13. Como a história terminou? Houve premiações e/ou castigos?
14. Quais temas foram tratados na narrativa (amor, ambição, racismo, afeto...). Como eles se manifestam, como isso está expresso no texto? Por meio de quais frases, termos?

ATIVIDADE 2 – Texto *Pardalzinho*: leitura e interpretação

PARDALZINHO

O pardalzinho nasceu
 Livre. Quebraram-lhe a asa.
 Sacha lhe deu uma casa,
 Água, comida e carinhos.
 Foram cuidados em vão:
 A casa era uma prisão,
 O pardalzinho morreu.
 O corpo Sacha enterrou
 No jardim; a alma, essa voou
 Para o céu dos passarinhos!



(BANDEIRA, Manuel. **Poesias**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955, p. 305).

Sobre o texto responda:

O poema “Pardalzinho” é um texto narrativo porque conta uma história. A voz que fala nesse poema é chamada de sujeito lírico.

1. Você acha que ela (a voz que fala) viu, conheceu o passarinho, ou que alguém contou a história para ela. Poderia ter sido essa voz, quem conta a história, que ajudou Sacha a tentar curar o pardalzinho de asa quebrada?

2. Como o pardalzinho é descrito no poema?

3. Pelas características mostradas no texto, como você imaginou esse animalzinho, tanto fisicamente (a aparência) quanto psicologicamente (os sentimentos dele)?

4. Os pardais são livres, voam por todos os lugares, mas esse pardalzinho estava preso numa gaiola, que para ele era uma prisão, por isso não quis nem água nem comida, nem os carinhos de Sacha? Ou será também que não quis porque a asa quebrada doía muito? Qual é a sua opinião sobre isso?

5. Você já esteve doente ou algum amigo seu já esteve? Se sim, escreva como foi a experiência.

6. Agora, imagine que você é Sacha e quer salvar um pardalzinho ferido. Como você agiria?

7. Agora, imagine que você é um pardalzinho, cheio de sonhos e vontade de voar livremente por muitas e muitas árvores, mas uma chuva forte o fez buscar abrigo em uma casa, acabou se batendo fortemente numa vidraça e quebrou sua asa. Como você se sentiria? No que pensaria?

8. O que você sente quando escuta ou lê essa poesia? Como você vê em sua mente a imagem do pardalzinho ferido? Você sente vontade de curar a asa dele para que ele possa voar livre?

9. A narrativa ocorre em tempo passado. Você sabe disse porque os verbos estão no passado. Pinte todos os verbos e os escreva no presente do modo indicativo e no futuro do presente do modo indicativo. Qual é a pessoa do singular em que esses verbos aparecem na história?

10. De acordo com as informações do texto, como você imagina que é o local onde a história se passa?

11. Quem é o protagonista no poema de Manuel Bandeira?

12. Quem é o antagonista na história? É possível identificar?

13. Apesar da boa vontade de Sacha, você acha que ela pode ser considerada antagonista também? Por quê?

14. Toda narrativa canônica parte de uma oposição. Qual oposição principal podemos encontrar neste poema narrativo?

(a) Vida e morte.

(b) Liberdade e prisão.

(c) Tristeza e alegria.

15. Uma das oposições sempre terá um valor positivo e a outra, valor negativo. De acordo com o poema narrativo, qual das oposições que você assinalou tem um valor positivo?

16. No texto “Pardalzinho”, em dois momentos podemos perceber que a liberdade foi retirada do pássaro. Quais são esses momentos?

17. De acordo com o texto, qual é o maior desejo do pardalzinho?

18. Quais foram as atitudes de Sacha para ajudar o pardalzinho?

19. Ela conseguiu fazer o pardalzinho sentir-se melhor com essas atitudes? Qual parte do texto confirma a sua resposta?

20. O pardalzinho desejava voltar a ser livre. Ele tinha condições de realizar esse desejo? Por quê?

21. No poema, o pardalzinho conseguiu ser livre? Justifique sua resposta.

22. Você acha que a história teve um final feliz? Por quê?

23. Como você gostaria que essa história tivesse terminado?

24. Escreva as frases que expressam a perda da liberdade do pardalzinho.

25. Em que momentos a liberdade é expressa no texto.

() No início, quando o texto revela que ele nasceu livre e no final, quando a alma vai para o céu.

() Somente no início do texto.

() Somente no final do texto.

Fonte: Elaborado pela autora

ATIVIDADE 3 – Texto *A menina dos fósforos*: leitura e interpretação

A MENINA DOS FÓSFOROS

Adaptação de Pedro Bandeira



Era a noite de Ano Novo, na Dinamarca, lá no norte gelado do mundo. Sozinha, naquela noite de inverno rigoroso, andava pelas ruas uma garotinha pobre, descalça, com a cabecinha descoberta. Fazia um frio terrível, nevava e já tinha escurecido há bastante tempo. Ela havia saído bem cedinho do casebre onde morava, calçando os velhos chinelos de sua falecida avó. Mas eles eram muito grandes e tinham caído de seus pezinhos, pouco antes, quando ela tivera de correr para não ser atropelada por um carro que passava a toda velocidade. Procurou, mas só achou um dos pés do par de chinelos. Na mesma hora, porém, um moleque mau arrancou-o de suas mãos, rindo e dizendo, só de pirraça:

– Onde vai com esse chinelão, garota? É tão grande que pode até servir de berço para um bebê! Ah, ah! Vou levá-lo comigo para quando eu crescer e tiver um filho!

Com seus pezinhos nus, roxos de frio, enterrando-se enregelados na neve fofa das calçadas, a menina vagava, carregando caixinhas de fósforos num bolso de seu avental remendado. Ela já não tinha mais mãe, nem pai, e sua avó havia morrido. Todos os dias, o

padrasto malvado a mandava para as ruas, para vender caixas de fósforos para os transeuntes. Mas ninguém lhe comprara nem um palitinho de fósforo durante aquele dia inteiro.

Ninguém lhe dera sequer uma moedinha.

Faminta, tremendo de frio, a pobrezinha olhava as janelas iluminadas nas casas que se preparavam para a ceia de Ano Novo. Parou um pouco à frente de uma delas, admirando uma árvore de Natal grande, iluminada. De lá de dentro, vinha um delicioso aroma de ganso assado e seu pequeno estômago retorcia-se de fome.

Não ousava ir para casa, porque o padrasto bateria nela por não ter conseguido vender nem uma caixinha de fósforos. Chegar em casa sem trazer algum dinheiro era surra na certa. Na verdade, mesmo tendo de levar uma surra de cinta, ela gostaria de estar naquela hora aconchegada no meio dos trapos onde dormia todas as noites, embora soubesse que continuaria a sentir frio, porque o casebre não tinha forro e o vento assobiava atravessando as falhas do telhado mal tapadas com palha e trapos.

Exausta, a menininha encolheu-se não vão entre duas casas. Sentou-se, encolheu as perninhas, mas continuava a sentir frio, muito frio. Suas mãozinhas estavam enregeladas. Talvez, se acendesse um dos fósforos, poderia esquentar-se um pouco. Com os dedos endurecidos, riscou um fósforo. A chama ardeu na mesma hora. Que beleza! Envolveu a chama com a mão. Clara e quente, parecia uma velinha de Natal!

Mas era uma luz estranha... Refletida nela, a menina viu-se sentada dentro da sala que havia visto há pouco, à frente de uma grande lareira de ferro, toda adornada em latão polido! O fogo da lareira crepitava alegremente e aquecia tanto, tanto... Maravilha! A menina já ia estendendo os pés, para esquentá-los também, quando tudo se apagou e a lareira desapareceu. E ela viu-se de novo encolhida na calçada, só com um toquinho de fósforo queimado nas mãos...

Riscou mais um fósforo, que se acendeu claro, brilhante, tornando a parede transparente como um véu. E ela viu uma sala grande, aquecida, onde estava uma mesa, com toalha bordada e posta com fina porcelana e talheres de prata. No centro da mesa, um ganso assado fumegava, recheado de ameixas e maçãs. De repente, o ganso pulou da travessa de prata e saiu na direção da menina, cambaleando pela sala, com o garfo e a faca espetados nas costas! Aí, o fósforo se apagou e ela só via a parede, grosseira e fria.

Ela acendeu outro fósforo. Na mesma hora, viu-se sentada sob os ramos da mais linda árvore de Natal, maior e mais enfeitada do que a que ela acabara de ver pela vidraça da casa por onde tinha passado ainda há pouco. Milhares de velas ardiam nos ramos verdes, e figuras coloridas como as bonecas que ela às vezes via nas vitrinas das lojas, olhavam para ela,

sorrindo... A pequena estendeu as mãos para o alto, mas, nisto, o fósforo se apagou. As velas de Natal foram subindo, subindo, e ela viu que eram estrelas cintilando no céu negro do inverno. Uma das estrelas caiu, traçando um longo risco de fogo no céu.

“Isso é sinal de que alguém vai morrer...”, pensou a menina, lembrando-se de sua querida avó, a única pessoa neste mundo que lhe quisera bem. A avó costumava dizer que, quando uma estrela cai, sobe aos céus uma alma.

A pobrezinha tornou a riscar um fósforo. No clarão da chama, surpresa, a menina viu, radiante e luminosa, sua velha vovó, com a expressão meiga e bondosa de que ela se lembrava tão bem.

– Vovó! – gritou a pequena. – Leva-me contigo! Sei que não mais estarás aí quando o fósforo se apagar. Desaparecerás, como a boa lareira, o delicioso ganso assado e a grande, linda árvore de Natal!

Riscou às pressas o resto dos fósforos que havia na caixinha, para ter a avó ali a seu lado, para conservá-la mais um pouco junto de si. O clarão dos fósforos tornou-se mais intenso que a luz do dia. Nunca a avó fora tão grande e bela! Ergueu a menina nos braços e as duas voaram, felizes, para as alturas, onde não havia frio nem fome, nem apreensões. [...]

Sobre o texto responda:

1. No início do primeiro parágrafo, é possível identificar uma data especial do ano e determinado período do dia. Que frase expressa isso?

2.

Algumas expressões indicam que o conto se passa em menos de um dia. Copie as expressões que confirmam isso.

3. Descreva como é o cenário onde se passa a história.

4.

Se você estivesse num país como a Dinamarca, em pleno inverno, não iria gostar de estar mal vestida e perambulando pela rua. Em que lugar gostaria de estar e de que forma iria se vestir?

5. Logo no início do conto, nota-se que a protagonista é muito pobre. Como é possível identificar isso?

6. No conto, o narrador parece saber de tudo, conhece os sentimentos e pensamentos da protagonista. Quais expressões confirmam isso?

7. Quem você acha que é o antagonista da história?

- () A pobreza.
- () O frio.
- () O padrasto da menina.
- () A avó.

8. O que provocou a morte da menina?

9. O narrador expõe o sofrimento da menina com relação à família. O que ele diz sobre os familiares dela?

- () Abandono.
- () Frio.
- () Pobreza.

10. Uma palavra define o trecho “Não ousava ir para casa, porque o padrasto bateria nela por não ter conseguido vender nem uma caixinha de fósforos. Chegar em casa sem trazer algum dinheiro era surra na certa”. Que palavra é essa?

- () Solidão.
- () Medo.
- () Tristeza.

11. Como pudemos ver, a protagonista dessa triste história tem uma vida bem difícil; quase tudo lhe falta. Pensando nisso, qual a oposição fundamental nessa história?

- () amor x ódio.

- () vida x morte.
- () calor x frio.
- () proteção x abandono.

12. Da opção que você assinalou, qual das oposições tem um valor positivo na história?

13. Do que a menina mais precisava para sair da condição em que se encontrava (objeto de valor)?

14. A menina teve visões ao acender os fósforos: viu uma lareira em chamas; uma sala de jantar com uma mesa posta, nela tinha um ganso assado e recheado com ameixas e maçãs; uma árvore de Natal enorme e muito enfeitada; sua velha avó. O que fazia com que ela tivesse exatamente essas visões e não outras?

15. Se você estivesse no lugar da menina, sentindo um frio terrível, com muita fome – afinal, havia passado o dia inteiro sem comer nada –, com os pés descalços e mal vestido (a), teria condições de sair daquela situação sozinha? Você necessitaria de ajuda de alguém. Qual tipo de ajuda poderia tirar você daquela situação?

16. Em um momento da história ocorre uma mudança: a menina para de sentir frio, fome e solidão. Que momento é esse?

17. No final da história, a menina morre, pois não teve ninguém para socorrê-la. Provavelmente você se comoveu com o conto e queria que a menina tivesse outro destino. Escreva o final do jeito que você gostaria que fosse.

18. Que palavra descreve melhor este o trecho: “Sozinha, naquela noite de inverno rigoroso, andava pelas ruas uma garotinha pobre, descalça, com a cabecinha descoberta”.

Solidão Medo Tristeza

19. No conto “A vendedora de fósforos”, as ações da personagem percorrem a “realidade” e a fantasia. A partir de que momento do texto começam as representações da fantasia?

ATIVIDADE 4 – Texto *Sobreviver entre espinhos*: leitura e interpretação

SOBREVIVER ENTRE ESPINHOS

Valdirene Aparecida Cotta



“Certo dia um homem saiu para semear. Enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à beira do caminho e os pássaros vieram e as comeram. Outra parte caiu no meio de pedras, onde havia pouca terra. Essas sementes brotaram depressa, pois a terra não era funda, mas, quando o sol apareceu, elas secaram, pois não tinham raízes. Outra parte das sementes caiu no meio de espinhos e foram sufocadas”.

Bem... nem todas! Uma dessas sementinhas sobreviveu. E digo a vocês: Não foi nada fácil! Aaaah, aqueles espinhos... Cortavam feito navalha! Além disso, os espinheiros eram plantas mal-humoradas e rabugentas, nenhuma outra espécie de planta poderia sobreviver ali. Mas como pôde a sementinha ter sobrevivido?! Vocês fazem ideia? Imagino que não... pois então, vou lhes contar como tudo aconteceu.

A pobrezinha era uma semente frágil, tão pequenina e leve que ao ser lançada pelo semeador foi apanhada por rajadas de vento e acabou caindo numa vasta área de espinheiros

rígidos com pontas afiadas. Sem que os espinheiros percebessem, a delicada sementinha se instalou na terra, que era úmida e fértil, porém compactada demais, e mesmo assim, em poucos dias ela germinou. O sol iluminava o vasto campo com seus raios esplendorosos, mas entre galhos e folhas ela recebia pouca luz, numa quantidade quase insuficiente para sua nutrição.

Os espinheiros notaram sua presença e, a princípio, ignoraram-na. Sabiam que a frágil planta não suportaria aquela condição tão hostil. É... Ela estava literalmente só, mesmo em meio a tantas plantas. Coitada! Recém brotara e já tinha que lidar com a dureza da vida.

Se fosse uma outra planta, talvez não tivesse resistido, mas essa era diferente: Inquieta, observadora, persistente, daquelas que não desiste nunca! Ela queria viver, fazer coisas importantes, não queria podia despercebida pela vida e lutava incansavelmente.

Na ânsia de superar os obstáculos que lhe eram impostos a todo instante, lançava seus galhos para um lado, para outro, mas logo era cercada por espinhos que rasgavam impiedosamente suas folhas. Não tinha jeito, era quase impossível! E ela mesmo reprimida, destroçada, aniquilada, reunia forças e continuava...

O tempo passava e as dificuldades aumentavam, os espinheiros ardilosos não mediam esforços em maltratar a planta. A pouca luz que recebia ficava a cada dia mais escassa, apenas pequenos reflexos atravessavam a cortina espessa e escura formada por galhos ouriçados e folhas pálidas. Como se isso não bastasse, os espinhos a estraçalhavam impiedosamente e suas raízes eram espremidas pelo solo.

Sem desanimar, ela buscava saída, bolava mais planos que o Cebolinha da turma da Mônica, examinava tudo em seu entorno. Um dia, numa dessas suas atentas observações, viu que muito próximo dali havia uma grande árvore seca, sem vida. Sentiu calafrios... imaginou que em breve poderia estar como ela... Olhou em suas próprias folhas e percebeu que estavam um pouco amareladas, ela precisava de mais luz do sol, buscava brechas de raios solares, mas em vão.

Sem forças, a plantinha desistiu de tentar, lançou-se ao chão, murcha, pálida, destruída. De repente, tudo se tornou ainda mais escuro, um silêncio estranho tomou conta da noite, que só fora quebrado quando uma suave chuva começou a cair, atravessando a madrugada.

Amanheceu, e a plantinha ainda vivia, se sentia melhor, tentou levantar e, neste momento, sentiu seu caule fixo ao solo, novas raízes brotaram de sua frágil haste. Seus galhos, naquela noite, haviam crescido rasteiros, onde os espinhos não podiam espetá-la. – Ainda há esperanças! - vibrou naquele instante.

Mais que depressa a plantinha tratou de direcionar seus ramos à árvore seca, seu ânimo era tanto que em poucos dias alcançou o caule. À medida que ela crescia, se apoiava no tronco e nos galhos secos, assim, aos poucos, escalava a carcaça da árvore. Lá recebia toda luz necessária para sua nutrição.

A plantinha, outrora mirrada, se transformou, e agora era uma linda trepadeira, com folhas verdinhas e cheia botões prestes a desabrocharem. Ela estava orgulhosa de si e, quanto aos espinheiros, estes não conseguiam esconder a inveja que sentiam daquela que desde sempre consideraram intrusa. Ela não se deixava abater! As vezes até pensava em se vingar, espalhando seus galhos por cima de todos aqueles arbustos e sufocá-los até a morte..., mas ela não era assim.

Um dia, do alto da árvore a trepadeira notou algo diferente naquele campo de espinhos, observou que as plantas próximas ao seu caule, que era fixo no chão, estavam mais verdes, com folhas robustas, algumas com flores que exalavam um suave perfume. Até o humor desses espinheiros havia melhorado.

Naquele momento ela refletiu, analisou... Chegou à conclusão de que suas raízes provocaram aquela mudança, pois elas arejavam o solo deixando-o fofinho e fértil. Empolgada, começou a soltar ramos em todas as direções. Alguns espinheiros torciam o nariz, chamavam-na de doida, e ela continuava seu trabalho, incansavelmente. Em poucas semanas o terreno já estava completamente forrado com seus ramos, suas raízes rasgavam chão deixando a terra bem aerada.

Como num conto de fadas, aquelas plantas foram se transformando, novas folhas e flores brotavam de suas entranhas espinhosas.

Os espinheiros, antes orgulhosos, carrancudos e ranzinzas se tornaram amáveis, arrependidos e gratos. Agora a trepadeira tinha amigos... Muitos amigos!

A primavera enfim chegou, e o lugar se tornou um lindo jardim, diversas espécies de beija-flores, abelhas e borboletas o enfeitava ainda mais.

Aaaah!!! Lembram-se do sementeiro? Pois bem, esse continuou a semear, por toda vida. Nunca colheu bons frutos. O pobre homem semeava, semeava... Descuidadamente, sem observar o solo, a direção do vento... Inconsequentemente semeava.

Sobre o texto responda:

1. O texto que acabaram de ler é um conto, isso significa que ele se passa em um curto espaço de tempo. Assinale a alternativa que se refere ao tempo aproximado da história.

() Por vários anos.

() Alguns meses.

() Poucos dias.

() Menos de um mês.

2. Você consegue identificar o tempo exato que a história inicia? _____. Copie a expressão que confirma sua resposta.

3. Como era o local que a sementinha de trepadeira se instalou?

4. Se você fosse uma sementinha, em que lugar gostaria de ser plantada?

5. As plantas, assim como você, são seres vivos e têm necessidades fundamentais que as mantêm vivas. Quais são essas necessidades?

6. Descreva quais são as características físicas da personagem principal da história?

7. Assinale as características psicológicas da protagonista.

() Delicada.

() Malvada.

() Inteligente.

() Persistente.

() Egoísta.

() Inquieta.

() Atenta.

8. Relacione as colunas de acordo com os tipos de personagens.

(A) Protagonista () Beija-flores, abelhas e borboletas.

- (B) antagonista. () A plantinha
D) Figurantes. () Os espinhos

9. E os espinheiros, como eram? Descreva suas características físicas e psicológicas.

10. As personagens são vegetais, porém apresentam comportamentos humanos. De exemplo de alguns desses comportamentos que aparecem na história.

11. Pelas características descritas se trata de um narrador:

- () Narrador observador: não participa da história, apenas narra o que observa, não sabe dos sentimentos e pensamentos das personagens.
() Narrador onisciente: não participa da história, mas conhece o íntimo dos personagens o que eles pensam e sentem, também manifesta seu posicionamento na história narrada.
() Narrador personagem: participa da história, pode ser o protagonista, ou seja, é o centro dos acontecimentos ou uma testemunha, um outro de personagem, só sabe o que é dado ou revelado, conta a partir do seu ponto de vista

12. Qual das oposições a seguir serviram de base para a construção da narrativa “Vivendo entre espinhos”?

- (a) Perseverança X insegurança.
(b) Vida X morte.
(c) Amor X ódio.
(d) piedade X crueldade.

13. De acordo com a história qual das oposições apresentam um valor negativo? Por quê?

14. Objeto de valor é aquilo que desejamos ou precisamos. Pode ser um brinquedo novo, uma viagem, tirar boas notas, enfim tudo que nos motiva a querer conquistar e a agir em função da conquista. Na história, qual é o objeto de valor, o que ela necessitava para conseguir sobreviver?

15. Em que situação a plantinha se encontra diante desse objeto?

- Conjunção: possui o objeto de valor.
 Disjunção: não possui o objeto de valor.

16. Como os espinheiros trataram a plantinha no início e no decorrer da história?

17. Os espinheiros acreditavam que a pequena trepadeira tinha capacidade de sobreviver num lugar tão hostil para ela? Por quê?

18. A plantinha queria alcançar a na árvore seca porque:

- ela devia fazer isso era necessário para sua sobrevivência.
 ela achava que teria uma visão privilegiada de lá.
 ela queria provar para os espinheiros que era forte e corajosa.

19. A plantinha passou por momentos difíceis, sendo provocada, maltratada, isso fez com que ela:

- Desistisse de lutar.
 Ficasse a esperar que um milagre para que as coisas mudassem.
 Ela era persistente, não se deixava levar pelo medo.

20. A trepadeira tem a capacidade para conseguiu o que queria?

- Não, é muito frágil e medrosa.

() Sim, além de ser corajosa e persistente, além disso é uma trepadeira, essa característica a possibilita de crescer se apoiando em outras plantas.

() Não, é muito pequena.

() Sim possui poderes mágicos.

21. Em um momento do conto acontece algo incrível, que muda rumo da história. Descreva esse acontecimento.

22. Valeram a pena todos os esforços da plantinha? Ela foi recompensada? De que forma?

23. E os espinheiros, que eram orgulhosos, arrogantes e malvados foram punidos? Por quê?

24. Você acha que a condição em que os espinheiros viviam influenciava negativamente o comportamento deles.

25. A trepadeira se deixou influenciar pelo meio em, ou procurou agir de forma diferente para transformar aquele meio?

26. Qual foi a recompensa da plantinha por suas realizações?

27. Relacione os temas tratados no texto com as expressões que o representam

(A) Sofrimento

- (B) Maldade
- (C) Transformação
- (D) Fragilidade
- (E) Persistência
- (F) Inteligência

() [...] mas logo era cercada por espinhos que rasgavam impiedosamente suas folhas

() [...] os espinhos a estraçalhavam e suas raízes eram espremidas pelo solo.

() [...] tão pequenina e leve

() Os espinheiros, antes carrancudos e ranzinzas se tornaram amáveis.

() Naquele momento ela refletiu, analisou... Percebeu que suas raízes provocaram aquela mudança.

() Sem desanimar ela buscava saídas, bolava mais planos que o Cebolinha da turma da Mônica [...].

ATIVIDADE 5 – Produção de texto

Depois de ler e ouvir todas essas narrativas, chegou a vez de você criar uma história. Primeiramente, decida de que forma contará essa história: sendo um narrador observador ou um narrador personagem. Depois, escolha personagens e o lugar em que a história acontecerá.

Não se esqueça que uma narrativa deve ter:

Introdução: parte em que são apresentados o espaço e as personagens.

Desenvolvimento: inicia após o conflito inicial; o protagonista começa sua busca pelo objeto de valor e o antagonista tentará impedi-lo de conseguir esse objeto. Lembre-se de que, para a conquista do objeto de valor, o protagonista precisa de algo que o ajude a conquistar, pode ser poder mágico, uma força física, uma inteligência fora do comum, muita coragem, um amigo etc.

Clímax: uma parte tensa leva à solução do conflito; momento em que ocorre a transformação, e o sujeito consegue ou não o objeto de valor.

Conclusão: a solução do conflito, a premiação e/ou castigo, a volta da estabilidade.

CONCLUSÃO

A unidade didática representa uma etapa relevante para nós, professores e pesquisadores, principalmente porque, ao elaborarmos, somos desafiados a criar nossa proposta com o objetivo de produzir conhecimento sobre determinado conteúdo. Esse material, elaborado e aplicado, e essa prática oportunizaram a verificação da validade da proposta e, assim, identificar possíveis dificuldades e até mesmo erros, para corrigi-los, a fim de aprimorar a proposta.

O modelo que apresentamos neste plano teve como base de análise de textos o Percurso Gerativo de Sentido da Semiótica Greimasiana, uma teoria criada por Greimas. A utilização dessa teoria foi bastante positiva. Por meio dela, os alunos demonstraram uma compreensão dos sentidos dos textos, o que aumentou o interesse na leitura desses textos, apresentando melhoras na interação do aluno com o texto lido. Também houve progressos relevantes nas produções textuais. Os alunos elaboraram textos mais bem figurativizados, com um grau de verossimilhança maior.

A nossa proposta, além do ensino de narrativas, objetivou a formação do aluno no sentido de potencialização da resiliência e da empatia. Nas narrativas, assim como na vida, agimos em função de uma necessidade ou de um desejo. Para alcançar esses objetos, precisamos enfrentar os obstáculos que nos são impostos. Nesse sentido, as narrativas podem colaborar porque possibilitam ao leitor experienciar situações que, apesar de serem realidades criadas, simulacros, apresentam discursos com questões como amor, felicidade, tristeza, preconceitos, racismo etc., que estão presentes no mundo real. Segundo Bruner (1997, p. 4), “a maneira usual de abordar tais questões é invocar processos ou mecanismos psicológicos que operam na ‘vida real’”. Desse modo, as narrativas mostram as estratégias que as personagens usam para lidar com esses obstáculos, o que permite ao leitor ampliar suas possibilidades de ação na resolução de problemas.

No que se refere à empatia, por meio das narrativas, o leitor pode se identificar com as personagens, vivenciar subjetivamente emoções e sentimentos capazes de sensibilizar, mesmo não tendo vivido determinada situação no “mundo real”, mas que existem e são possíveis de experienciar. Nesse sentido, “diz-se que os personagens na história são interessantes em virtude de nossa capacidade de ‘identificação’ ou porque, em seu conjunto, eles representam o elenco de personagens que nós, os leitores, inconscientemente carregamos dentro de nós” (BRUNER, 1997, p. 4).

Em suma, o Percorso Gerativo de Sentido é um método de análise bastante produtivo no ensino da narrativa, porque contribui para a eficácia na interpretação e produção de textos narrativos. É também uma proposta bastante flexível, pois as atividades desta unidade didática podem ser adaptadas a todos os níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: Fundamentos semióticos**. 3. ed. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 2002.
- BARROS, Diana da Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BRUNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis**. Tradução de Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BRUNER, Jerome. **A interpretação narrativa da realidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos da Análise do Discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Platão Francisco. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2003.
- GREIMAS, Algirdas Julius. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. São Paulo: Vozes, 1975.
- GREIMAS, Algirdas Julius. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. Tradução de Denilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nakin: Edusp, 2014.